

Índice

Livro I		
<i>Gohyang/Terra Natal</i>		
1910-1933		9
Livro II		
Mátria		
1939-1962		151
Livro III		
Pachinko		
1962-1989		319
Agradecimentos		471
Notas de Tradução		475

1

Yeongdo, Busan, Coreia

A História esqueceu-se de nós, mas não faz mal.

No virar do século, um pescador de mais idade e a esposa decidiram receber hóspedes como uma forma de rendimento extra. Ambos tinham nascido e sido criados na aldeia piscatória de Yeongdo — uma ilhota com uma área de cerca de oito quilómetros, perto da cidade portuária de Busan. Durante o longo casamento deles, a mulher deu à luz três filhos, mas somente Hoonie, o mais velho e mais frágil, sobreviveu. Hoonie nasceu com uma fenda lábio-palatina e um pé deformado; possuía, no entanto, uns ombros largos, uma constituição atarracada e uma tez dourada. Mesmo em jovem mantinha o temperamento brando e atencioso que o caracterizara na infância. Quando Hoonie cobria a boca desfigurada com as mãos, um hábito seu na presença de desconhecidos, fazia lembrar o seu bem-apegoado pai, ambos com os mesmos olhos grandes e sorridentes. Umas sobrancelhas pretas adornavam-lhe a testa larga, perpetuamente bronzeada do trabalho ao ar livre. À semelhança dos pais, Hoonie não era ágil com as palavras e havia quem cometesse o erro de julgar que, por não conseguir falar depressa, algo de errado se passava com a cabeça dele, o que não era verdade.

Em 1910, quando Hoonie tinha vinte e sete anos, o Japão anexou a Coreia. O pescador e a esposa, dois camponeses poupados e resistentes, recusaram deixar-se distrair pelos aristocratas incompetentes e governantes corruptos do país, que tinham entregado a nação a ladrões. Quando a renda deles voltou a ser aumentada, o casal saiu do quarto e passou a dormir na antessala adjacente à cozinha, de maneira a poderem aumentar o número de hóspedes.

A casa de madeira que arrendavam há mais de três décadas não era grande, com pouco menos de cinquenta metros quadrados. Portas de papel deslizantes separavam o interior em três divisões apertadas e o próprio pescador substituíra o telhado de relva mal isolado por telhas de barro avermelhado, para benefício do senhorio, que morava no esplendor de uma mansão em Busan. A cozinha acabou por ser empurrada para a horta, para acomodar as panelas maiores e o número crescente de mesas de refeição portáteis penduradas em ganchos a todo o comprimento da parede de pedra argamassada.

Por insistência do pai, Hoonie aprendeu a ler e escrever coreano e japonês com o professor da aldeia, o suficiente para organizar um livro de contabilidade da pensão e conseguir fazer contas de cabeça para não ser enganado no mercado. Assim que aprendeu a fazer isso, os pais tiraram-no da escola. Enquanto adolescente, Hoonie trabalhava quase tão bem como um homem forte com o dobro da sua idade e com duas pernas bem formadas; era hábil com as mãos e conseguia carregar grandes pesos, mas não era capaz de correr ou de caminhar depressa. Tanto Hoonie como o pai eram conhecidos na aldeia por nunca terem tocado num copo de vinho. O pescador e a esposa educaram o filho sobrevivente, o aleijado do bairro, para ser esperto e diligente, pois não sabiam quem cuidaria dele após a morte deles.

Se fosse possível um homem e uma mulher partilharem um só coração, Hoonie era esse órgão firme e pulsante. Eles tinham perdido os outros filhos — o mais novo com sarampo e o preguiçoso do meio num acidente absurdo com um touro de pontas. À exceção da escola e do mercado, o velho casal mantinha o pequeno Hoonie perto de casa, até que, na adolescência, Hoonie acabou por ficar em casa para ajudar os pais. Eles não suportavam desiludi-lo; porém, também o amavam o suficiente para não o mimar. Os camponeses sabiam que um filho mimado causava mais danos a uma família do que um filho morto e por isso evitavam fazer-lhe todas as vontades.

Outras famílias na região não tinham a sorte de ter pais tão sensatos e como acontece nos países pilhados por rivais, ou pela natureza, eram os mais frágeis — os idosos, as viúvas e os órfãos — que mais sofriam na península colonizada. Por cada lar capaz de alimentar mais um, havia multidões dispostas a trabalharem um dia inteiro em troca de uma malga de arroz de cevada.

Na primavera de 1911, duas semanas após o vigésimo oitavo aniversário de Hoonie, a casamenteira de faces rosadas da aldeia visitou a mãe dele.

A mãe de Hoonie levou a casamenteira para a cozinha; deveriam falar em voz baixa pois os hóspedes estavam a dormir nos quartos da frente. Era o final da manhã e os hóspedes que tinham passado a noite na pesca tinham comido uma refeição quente, tinham-se lavado e depois tinham-se ido deitar. A mãe de Hoonie serviu uma chávena de chá de cevada frio à casamenteira, mas não interrompeu o que estava a fazer.

Naturalmente, a mãe calculava ao que vinha a casamenteira, mas não fazia a mínima ideia do que dizer. Hoonie nunca pedira aos pais uma noiva. Era inconcebível que uma família decente permitisse que a filha casasse com alguém com deformidades, uma vez que tais coisas seriam inevitáveis na geração que se seguiria. Ela nunca vira o filho falar com uma rapariga; a maioria das raparigas da aldeia evitavam-no assim que o viam e Hoonie sabia o suficiente para não desejar o que não poderia ter — essa abstenção era algo que qualquer camponês normal teria aceitado em relação à sua vida e ao que lhe era permitido desejar.

O rosto peculiar da casamenteira era gorducho e rosado; os seus olhos pretos e implacáveis observavam tudo com atenção e ela tinha o cuidado de somente dizer coisas simpáticas. A mulher lambeu os lábios, como se estivesse com sede; a mãe de Hoonie sentia a mulher a observá-la, a ela e a cada pormenor da casa, avaliando o tamanho da cozinha com um olhar preciso.

A casamenteira, contudo, teria tido uma grande dificuldade em ler a mãe de Hoonie, uma mulher calada que trabalhava desde que se levantava até que se deitava, fazendo o que era preciso para esse dia e o seguinte. Raramente ia ao mercado, pois não havia tempo para conversas que só serviam para a distrair; em vez disso, mandava Hoonie fazer as compras. Enquanto a casamenteira falava, a boca da mãe de Hoonie permaneceu imóvel e firme, à semelhança da robusta mesa de pinho em cima da qual cortava rabanetes.

Foi a casamenteira quem primeiro abordou o assunto. Havia, portanto, o pormenor infeliz do pé e do lábio cortado, mas Hoonie era claramente um bom rapaz — educado e forte como um par de bois! Ela era abençoada por ter um filho tão bom, disse-lhe a casamenteira. Em seguida, queixou-se dos próprios filhos: nenhum dos rapazes se dedicava aos livros ou ao comércio, mas também não eram maus meninos. A filha casara cedo de mais e morava demasiado longe. Todos bons casamentos, calculava ela, mas os filhos eram preguiçosos. Ao contrário de Hoonie. Quando acabou de falar, a casamenteira fitou a mulher de tez morena, cujo rosto continuava impassível, à procura de quaisquer indícios de interesse.

A mãe de Hoonie manteve-se de cabeça baixa, manuseando a faca afiada com confiança — cada cubo de rabanete era perfeitamente quadrado e uniforme. Quando uma pilha de cubos de rabanetes brancos se formou em cima da tábua de cortar, ela transferiu-a para uma tigela num só movimento. Estava a prestar tanta atenção ao que a casamenteira dizia que, no seu íntimo, a mãe de Hoonie receava começar a tremer de nervosismo.

Antes de entrar na casa, a casamenteira dera uma volta pelo perímetro, com o intuito de avaliar as condições financeiras da família. Ao que parecia, confirmavam-se os comentários que corriam no bairro sobre a situação estável da família. Na horta da cozinha, os rábanos brancos, gordos e pesados graças às primeiras chuvas da primavera estavam prontos para serem arrancados da terra castanha. Havia lulas e palocos pendurados com cuidado num longo estendal de roupa, secando sob o sol pouco intenso de primavera. Junto à casa de banho exterior, três porcos pretos estavam guardados numa asseada pocilga construída com pedra local e argamassa. No pátio das traseiras, a casamenteira contou sete galinhas e um galo. E a prosperidade deles era ainda mais evidente no interior da habitação.

Na cozinha, havia pilhas de malgas de arroz e de sopa arrumadas em prateleiras bem construídas, e entrançados de alho branco e de pimentos vermelhos pendiam das vigas baixas da cozinha. No canto, junto à pia, havia um cesto de verga enorme a abarrotar de batatas acabadas de desenterrar. O aroma reconfortante a cevada e ao painço que cozia na panela preta de arroz espalhava-se pela pequena casa.

Satisfeita com a situação confortável da pensão num país cada vez mais pobre, a casamenteira tinha a certeza de que até Hoonie conseguiria ter uma noiva saudável, pelo que avançou com o seu plano.

A rapariga morava na outra ponta da ilha, para lá dos bosques cerrados. O pai, um lavrador rendeiro, era um dos muitos que tinham perdido o direito ao aforamento como resultado dos recentes levantamentos topográficos do governo. Viúvo e amaldiçoado com quatro filhas e nem um único filho, não tinha nada para comer exceto o que colhia nos bosques, o peixe que não conseguia vender ou a ocasional generosidade de vizinhos igualmente empobrecidos. Esse pai decente suplicara à casamenteira que encontrasse noivos para as suas filhas solteiras, pois era preferível que virgens se casassem com um qualquer a mendigarem por comida numa época em que homens e mulheres passavam fome e a virtude era um bem precioso. A rapariga, Yangjin, era a última das quatro raparigas e a mais fácil de despachar, pois era demasiado jovem para se queixar e fora a que menos tivera para comer.

Yangjin tinha quinze anos e era doce e tenra, como um bezerro acabado de nascer, explicou a casamenteira.

— Sem dote, claro, e com certeza o pai não pode esperar grande coisa no que toca a presentes. Talvez umas galinhas poedeiras, tecidos de algodão para as irmãs de Yangjin e seis ou sete sacas de painço para conseguirem aguentar o inverno. — Como não ouviu qualquer protesto perante a lista de presentes, a casamenteira decidiu arriscar: — E talvez uma cabra. Ou um porco pequeno. A família tem tão pouco e os preços das noivas caíram tanto nos últimos tempos... A rapariga não precisaria de qualquer joalheria. — A casamenteira deu uma pequena risada.

Com um movimento brusco do pulso grosso, a mãe de Hoonie espalhou sal marinho sobre os rabanetes. A casamenteira não fazia a mais pequena ideia do quanto a mãe de Hoonie estava a concentrar-se e a pensar no que a mulher pretendia. A mãe teria abdicado de tudo para pagar o preço exigido pela noiva; a mãe de Hoonie ficou surpreendida com as fantasias e as esperanças que começaram a crescer-lhe dentro do peito, mas o seu rosto manteve-se sereno e discreto; não obstante, a casamenteira não era tola.

— O que eu não daria para um dia ter um neto — disse a casamenteira, fazendo a sua última jogada ao mesmo tempo que fitava o rosto moreno e franzido da dona da pensão. — Tenho uma neta, mas não tenho netos e a rapariga chora que se farta.

A casamenteira continuou:

— Lembro-me de segurar o meu primeiro filho nos braços, quando ele era bebé. Quão feliz eu era! Ele era branco como um cesto cheio de bolinhos de arroz frescos no dia de Ano Novo; macio e apetitoso como a massa ainda quente. Até apetecia comê-lo. Bem, agora é só um grande palerma — disse, sentido necessidade de acrescentar uma queixa depois de tanta gabarolice.

A mãe de Hoonie sorriu, por fim, pois a imagem era quase vívida de mais. Que mulher de idade não ansiava por segurar um neto nos braços, em especial quando tal pensamento fora inconcebível até essa visita? Ela cerrou os dentes para se acalmar e pegou na tigela de misturar. Em seguida, agitou-a para distribuir bem o sal.

— A rapariga tem uma cara bonita, sem marcas de bexigas. Tem boas maneiras e obedece ao pai e às irmãs. E não é demasiado escura. É franzina, mas tem umas mãos e uns braços fortes. Vai precisar de ganhar algum preso, mas é compreensível. Tem sido um período complicado para a família dela. — A casamenteira sorriu para o cesto de batatas no canto, como se sugerisse que na pensão a rapariga poderia comer tanto quanto quisesse.